

As embalsamadoras

Marcel Schwob

tradução de **Camilo Prado**

A Alphonse Daudet

Que ainda existam na Líbia, nos confins da Etiópia onde vivem homens muito velhos e muito sábios, feitiçarias mais misteriosas que aquelas dos mágicos da Tessália, eu não tenho dúvida. É terrível, certamente, pensar que os encantamentos das mulheres podem fazer descer a lua em um espelho de estojo, ou mergulhá-la, quando está cheia, em um balde de prata, com estrelas encharcadas, ou fritá-la em uma frigideira como uma medusa amarela do mar, enquanto a noite tessaliana é negra e os homens que mudam de pele são livres para errar; tudo isso é terrível; mas eu temeria menos essas coisas que encontrar novamente no deserto cor de sangue as embalsamadoras líbias.

Nós atravessamos, meu irmão Ophélion e eu, os nove círculos de areias diferentes que cercam a Etiópia. Há dunas terrestres que, à distância, parecem glaucas como o mar ou azuladas como lagos. Os pigmeus não chegavam até essas áreas; contudo, nós os tínhamos deixado nas altas florestas tenebrosas, onde o sol nunca penetra, e os homens cor de cobre que se alimentam de carne humana e se reconhecem uns aos outros pelo ruído das mandíbulas estavam mais longe, no poente. Segundo as aparências, o deserto vermelho onde entramos para ir em direção à Líbia é nu de cidades e de homens.

Nós caminhamos sete dias e sete noites. Nessa região a noite é transparente e azul, fresca e perigosa para os olhos, de forma que às vezes esta claridade azul noturna incha as pupilas no espaço de seis horas e o doente não vê mais o nascer do sol. Tal é a natureza da doença, que ataca unicamente aqueles que dormem na areia e não cobrem o rosto; porém

aqueles que caminham noite e dia têm apenas a temer a poeira branca do deserto que irrita as pálpebras sob o sol.

No entardecer do oitavo dia nós percebemos na planície cor de sangue cúpulas brancas de pequena dimensão, dispostas em círculo, e Ophéllion foi da opinião que seria útil examiná-las. A noite caía rapidamente, como de hábito no país líbio, e quando nos aproximamos a obscuridade era muito grande. As cúpulas emergiam da terra e nós não podemos de início reconhecer nelas aberturas; mas quando transpomos o círculo que elas formavam, vimos que eram perfuradas de portas que tinham a altura de um homem de estatura mediana e que eram todas voltadas para o centro do círculo. A abertura dessas portas era escura; mas em volta delas por orifícios muito estreitos passavam raios que marcavam nossos rostos como com longos dedos vermelhos. Também estávamos cercados por um odor que não conhecíamos e que parecia uma mescla de perfumes e de corrupção.

Ophéllion me deteve e disse que nos faziam sinal em uma das cúpulas. Uma mulher que não podíamos ver distintamente estava sob a porta e nos convidava. Eu hesitei, mas Ophéllion me empurrou em direção a ela. A entrada era escura, assim como a sala redonda sob a cúpula; e, tão logo nós aí entramos, aquela que nos havia chamado desapareceu. Ouvimos uma voz doce que pronunciava palavras bárbaras. Em seguida, essa mulher se encontrou de novo diante de nós, portando uma lâmpada fumarenta de argila. Nós a saudamos e ela nos desejou as boas-vindas na nossa língua grega, que falava com um acento líbio. Indicou-nos camas de terra cozida, ornadas de figuras de homens nus e de pássaros, e nos fez sentar. Em seguida, dizendo que ia buscar nossa refeição, desapareceu novamente, sem que nos fosse possível ver, na fraca luz da lâmpada que estava colocada no chão, por onde havia saído. Essa mulher tinha uma cabeleira negra e olhos de cor escura; estava vestida com uma túnica de linho; um cinto azul sustinha seus seios, e ela cheirava a terra.

A ceia que nos serviu em pratos de argila e copos de vidro escuro foi pão redondo com figos e peixe salgado; não havia outra vianda que gafanhotos em

conserva; quanto ao vinho, era rosado e pálido, aparentemente misturado com água, e com um sabor agradável. Ela comeu conosco, mas não tocou nem no peixe, nem nos gafanhotos. E enquanto eu fiquei naquela cúpula não a vi pôr carne na sua boca; ela se contentava com um pouco de pão e frutas em conserva. A razão dessa abstinência estava sem dúvida em uma repugnância que se compreenderá facilmente por esta narrativa; e talvez os perfumes entre os quais essa mulher vivia lhe subtraíam a necessidade de comida e a saciavam com suas partículas sutis.

Ela pouco nos interrogou, e nós mal ousávamos lhe falar; pois seus hábitos pareciam estranhos. Após a ceia, estendemo-nos em nossas camas; ela nos deixou uma lâmpada e preparou outra menor para si; depois nos deixou, e eu vi que entrava no subsolo por uma abertura situada na extremidade oposta da cúpula. Ophélio parecia pouco desejoso de responder as minhas conjecturas e eu adormeci até o meio da noite com um sono inquieto.

Fui despertado pelo som da lâmpada que crepitava, porque o pavio tinha queimado até o óleo, e não vi mais meu irmão Ophélio perto de mim. Levantei-me e o chamei baixinho; mas ele não estava mais na cúpula. Então saí na noite e me pareceu que ouvia sob a terra lamentos e gritos de pranto. Seu eco morreu rapidamente: dei a volta nas cúpulas sem descobrir nada. Mas havia no chão uma espécie de agitação como de trabalho, e ao longe o apelo triste do cão selvagem.

Aproximei-me de um dos orifícios por onde faiscava os raios vermelhos e consegui subir em uma das cúpulas para olhar seu interior. Compreendi então a estranheza do lugar e da cidade das cúpulas. Pois a parte que eu via, iluminada por tochas, estava coberta de mortos; e entre as que choravam, outras mulheres empenhavam-se com vasos e instrumentos. Eu as via fender os ventres frescos e tirar as vísceras amarelas, castanhas, verdes e azuis, que elas mergulhavam em ânforas, enfiar pelo nariz uma agulha de prata, quebrar os delicados ossos da ligação e retirar os miolos com espátulas; lavar os corpos com águas tingidas; friccioná-los com perfumes de Rhodes, de mirra e

de cinamomo; trançar os cabelos; engomar os cílios e as sobrancelhas com corante; pintar os dentes e enrijecer os lábios; polir as unhas das mãos e dos pés e as circular com uma linha de ouro. Depois, o ventre estando plano, o umbigo oco, no centro de rugas circulares, elas esticavam os dedos dos mortos, brancos e dobrados, circulando-lhes os punhos e os tornozelos com anéis de elétron, e os enrolavam pacientemente em longas e finas faixas de linho.

Todas as cúpulas formavam aparentemente uma cidade de embalsamadoras, para onde se traziam os mortos das cidades próximas. E em algumas das habitações o trabalho se fazia em cima, mas em outras embaixo do chão. A visão de um corpo que mantinha os lábios fechados, entre os quais se atravessava uma haste de mirto, como as mulheres que não podem sorrir e querem se acostumar a mostrar os dentes, causou-me horror.

Resolvi, tão logo amanhecesse, fugir com Ophélie da cidade das embalsamadoras. E, entrando em nossa cúpula, coloquei um pavio na lâmpada e iluminei o ambiente sob a abóbada: mas Ophélie não havia retornado. Fui ao fundo da sala e iluminei a abertura da escada subterrânea; e ali embaixo ouvi um ruído de beijos. Então sorri pensando que meu irmão passava uma noite de amor com uma manipuladora de cadáveres. Mas eu não soube o que pensar vendo entrar na cúpula, por uma abertura que dava sem dúvida em um apropriado corredor no interior da parede de cimento, a mulher que nos recebera. Dirigiu-se para a escada e escutou como eu havia feito. Depois se voltou em minha direção e seu rosto me deu medo. Suas sobrancelhas se tocaram e ela pareceu entrar novamente na parede.

Eu caí em um sono profundo. Pela manhã, Ophélie estava deitado na cama ao lado da minha. Tinha o rosto cor de cinza. Eu o sacudi e o apressei para partir. Ele me olhou sem me reconhecer. A mulher entrou, e como eu a interroguei, falou-me de um vento pestilento que havia soprado sobre meu irmão.

O dia inteiro ele revirou-se de todos os lados agitado pela febre, e a mulher o olhava com olhos fixos. Pelo fim da tarde remexeu os lábios e morreu. Eu abracei seus joelhos gemendo e chorei até próximo das duas horas após a meia noite. Depois minha alma desvaneceu-se com os sonhos. A dor da perda de Ophéllion me perturbou e me fez despertar. Seu corpo não estava mais perto de mim e a mulher havia desaparecido.

Então gritei e percorri a sala: mas não pude encontrar a escada. Saí da cúpula e subi em direção ao raio vermelho, pus os olhos na abertura. Eis o que eu vi:

O corpo de meu irmão Ophéllion estava estendido entre vasos e jarras; tinham lhe retirado os miolos com a agulha e as espátulas de prata e seu ventre estava aberto.

Já suas unhas estavam pintadas e sua pele friccionada com asfalto. Estava entre duas embalsamadoras que se assemelhavam tão estranhamente que eu não podia distinguir aquela que nos havia recebido. Todas as duas choravam e distendiam o rosto e beijavam meu irmão Ophéllion e o apertavam em seus braços.

Eu chamei pela abertura da cúpula e procurei a entrada daquela sala subterrânea e corri para as outras cúpulas; mas não obtive nenhuma resposta e errava inutilmente na noite transparente e azul.

E meu pensamento foi que essas duas embalsamadoras eram irmãs e mágicas e ciumentas, e que elas tinham matado meu irmão Ophéllion para guardar seu belo corpo.

Cobri a cabeça com meu manto e fugi desnordeado para fora desse lugar de sortilégios.

A presente história faz parte de uma seleta de doze contos de Marcel Schwob, intitulada *A cidade adormecida e outros contos fantásticos*, a sair pelas Edições Nephelibata em outubro de 2011.

Marcel Schwob (1867-1905) nasceu em Chaville, França. Erudito de berço, pois seus pais eram pessoas de alta cultura, foi jornalista, filólogo, poliglota, tradutor de literatura inglesa e um excelente contista. Antes de chegar a Paris, por volta de 1881, Marcel já conhecia aqueles que o marcariam: E.T.A. Hoffmann, Allan Poe, T. Gautier, entre outros mestres da literatura fantástica. Mesclado a essas “raízes” estão seus conhecimentos de história antiga (grega, romana, medieval), assim como também seus estudos das culturas marginais e de autores ingleses, como Robert Louis Stevenson, pelo qual teve verdadeira paixão. Foi contemporâneo e amigo de artistas como Paul Claudel, Gide, Valery, Daudet, Lorrain e Jarry. De seus estudos sobre gíria saiu seu primeiro livro: *Étude sur l'argot français* (1889). Nos anos seguintes publicou *Coeur double* (1891), *Le roi au masque d'or* (1892), *Mimes* (1893), *Le livre de Monelle* (1894), *Annabella et Giovanni* (1894) entre outros que lhe renderam admiradores fervorosos, principalmente entre os simbolistas.

Camilo Prado, natural da província de Santa Catarina, é narrador, tradutor e editor. Em tradução tem: *Flores fúnebres e outros contos cruéis* de Villiers de L'isle-Adam, *Tendências atuais da filosofia* de Jean-Yves Béziau, *O amigo dos espelhos* de Georges Rodenbach, *Canto de guerra das coisas* de Joaquín Pasos, e no prelo: *Contos fantásticos* de Rubén Darío, *Claire Lenoir* (novela) de Villiers de L'isle-Adam e *A estátua de sal* (contos) de Leopoldo Lugones.